

Um dia desses, um amigo me disse que solidão é estado de espírito. Disse que se sentia sozinho por mais pessoas que tivesse ao seu redor. Nenhuma novidade. Muita gente já deve ter feito essa reflexão, no escuro do quarto ou no meio de uma multidão barulhenta. Não sei por que, lembrei-me das eleições: uma ótima oportunidade para mudar o estado de espírito de um país.

Meu amigo então me disse que ainda não sabe em quem votar. Não consegue achar opção no meio de tanto apelo. Tonto num turbilhão de poluição sonora e visual, fica transtornado com a certeza de que escolhas serão feitas, independentes de sua indecisão. Explicou-me que ele, assim como tantos outros brasileiros, sofre de solidão eleitoral. Ao contrário do que possa parecer, não é sintoma de alienação política. Para o alienado, é mais fácil votar e sentir-se cidadão integrado, peça chave da democracia. Este enche os olhos com as campanhas e se deixa seduzir por propostas fantásticas. Opta por quem lhe trará benefícios diretos, for mais eloquente ou simplesmente, tiver o selo de seu partido. Nada de análises muito profundas. Porém, assim mesmo, a escolha não fica de todo fácil: as ideologias políticas- ou publicitárias- têm andado parecidas demais, ultimamente.

A solidão eleitoral, convenceu-me ele, é sintoma de algo muito pior. Enquanto candidatos tentam conquistar o maior número de eleitores, sejam eles solitários ou alienados, o país continua a sonhar. Porém, na alienação de suas certezas ou na solidão de suas dúvidas, o povo brasileiro deseja apenas a mudança que traga dias melhores. Esse sonho não é de hoje. É de um país que já completou quinhentos anos. Um jovem envelhecido em seus quinhentos anos de solidão.

O Brasil sempre esteve sozinho, do desejo de Independência à República, do silêncio da ditadura ao grito pelo voto direto. Sozinho e cercado de interesses particulares por todos os lados. Lembra, por hora, a *Macondo* de Gabriel García Márquez, onde o fantástico é real e inquestionável. Onde tudo, e nem sempre o que todos sonham, pode acontecer.

Mas o desejo do povo se transformará em realidade depois das eleições, é o que nos prometem. Empregos surgirão aos borbotões, o salário mínimo será multiplicado e os problemas sociais, resolvidos com um simples sorriso. Tudo muito fácil. Só faltam gnomos e borboletas mágicas circularem ao nosso redor.

Meu amigo não acredita em gnomos, também não leu os *Cem Anos de Solidão*. Anda preocupado, querendo entender certas coisas. Sobre sua solidão, diz que é só mais um grão de areia no imenso deserto. Ele sente os sintomas se agravarem, cada vez que assiste o horário eleitoral ou quando é tratado como amigo de infância por quem nem o conhece. Entretanto, disse que seu estado piorou mesmo, depois de um desses almoços de fim-de-semana no interior. Saiu de lá matutando sobre o que vira e ouvira, convencido de que não queria simplesmente complicar as coisas. Na condição de povo, sabia que sua participação não se resumia em levar o “santinho”, pra depois digitar o número certo. E, como frisou o candidato, a lhe bater nas costas, não se esquecer de apertar a tecla confirma, que do resto, ele se encarregaria depois.